

APRESENTAÇÃO

Marcia A. P. Martins
PUC-Rio

Nascida de uma costela do homem, segundo uma das mais influentes narrativas da criação do mundo, a mulher é derivada e secundária por natureza: o homem é o original, e ela, a cópia.

Mas além de derivada e secundária, é também ingênua, desobediente e de má influência: ludibriada pela serpente, a primeira das mulheres come do fruto proibido e leva seu companheiro no Éden a fazer o mesmo, provocando a des-graça de ambos e de toda a humanidade dali por diante.

E, novamente, além de derivada e secundária, ingênua, desobediente e má influência, é ainda infiel: a prática tradutória na França do século XVII valorizava as traduções criativas, que dotavam de beleza e elegância de estilo as obras originalmente produzidas em línguas supostamente mais primitivas. Devido a essa manipulação, foram alcunhadas de “belas infiéis”, a partir de metáfora empregada por Gilles Ménage para criticar a infidelidade na tradução em francês das obras do grego Luciano de Samósata, realizada por Nicolas Perrot d’Ablancourt (1654). Para *Monsieur* Ménage, essa tradução o fazia lembrar de uma mulher de Tours a quem tinha amado profundamente, bela e, ao mesmo tempo, infiel.¹ Silviano Santiago (2012, s.p.) nos chama a atenção para o fato de que

a “fidelidade” ao texto original não correspondia naqueles tempos ao conceito atual de “literalidade”. Associada à beleza e à elegância da mulher, a infidelidade ao original era então julgada como qualidade estilística usurpada pelo tradutor dos autores clássicos gregos e romanos, que nos ensinaram a exprimir em frases corretas, claras e puras.

Tanto mais elegante a tradução (isto é, tanto mais correto, claro e puro o texto traduzido), tanto maior o potencial da infidelidade ao original, infidelidade que estará sendo delicada e sutilmente transmitida ao leitor.

Essa metáfora dos setecentos gerou inúmeras outras à sua semelhança, até a comparação explícita de Bernard Shaw no século XX: “Mulheres são como traduções. As bonitas não são fiéis. E as fiéis não são bonitas”².

¹ “Elles me rappellent une femme que j’ai beaucoup aimé à Tours, qui était belle mais aussi infidèle.”

² “Women are like translations: The beautiful ones are not faithful and the faithful ones are not beautiful.”

Presas a esse papel subalterno, dependente, salvo algumas exceções que valorizavam o matriarcado e a matrilinearidade, a mulher não teve como fugir do silenciamento e da invisibilidade. Sua voz é abafada na língua, ocultada, por exemplo, pelas regras de concordância de idiomas sintéticos e, conseqüentemente, redundantes, uma vez que trazem a marca do masculino, do feminino, do singular ou do plural. Devido a essa particularidade, compartilhada pela língua portuguesa, “sempre que possível ou necessário é usado o genérico masculino, singular ou plural” (Rocha, 2016).

Sua voz também é abafada na cultura, nas artes, nas ciências, na sociedade, em suma, no mundo em que vivemos. Tomemos o caso do Brasil: entre os 74 nomes da lista de Notáveis de Ciência e Tecnologia do Brasil disponível na página da Plataforma Lattes, do CNPq (<http://lattes.cnpq.br/>), apenas sete são mulheres, uma delas a incomparável Nise da Silveira. E das 40 cadeiras da Academia Brasileira de Letras, somente cinco têm mulheres como ocupantes – Nélida Piñon, Lygia Fagundes Telles, Ana Maria Machado, Cleonice Berardinelli e Rosiska Darcy de Oliveira, que seguiram os passos da pioneira Rachel de Queiroz, a primeira mulher a entrar na ABL, em 1977, depois de 80 anos de funcionamento da instituição. Em outras esferas a desproporção se repete. É bem verdade que se poderá argumentar que a sociedade brasileira não se distingue por ser especialmente progressista, com as devidas ressalvas referentes às metrópoles e capitais, mas o intenso ativismo feminista que tem sido observado em países como os Estados Unidos, gerando ações afirmativas nos mais diversos campos, é uma evidência de que as mulheres estão mais do que nunca cientes de que precisam agir enérgica e concertadamente para mudar o *status quo* e, assim, sair das sombras e se livrar do rótulo de “grupo historicamente excluído”.

Rosiska Darcy de Oliveira, escritora de forte participação no movimento feminista, observa que “em tempos de comemorações do cinquentenário de Maio de 68, um êxtase na história, na feliz expressão de Edgar Morin, impressionam a extensão e a profundidade das transformações que vêm acontecendo na vida das mulheres” (2018, p. 18). E diz ainda que, herdeiro do maio francês, “o movimento de mulheres, que sacudiu o Ocidente nos anos 70, em meio século ampliou-se nas mulheres em movimento, insubmissas às desigualdades, à violência [...]. Seu impacto, hoje, é global” (ibid.).

Esse movimento é, sim, composto de ações conjuntas, que envolvem centenas, milhares ou até milhões de mulheres e transcendem fronteiras entre áreas, culturas e nações; mas sua força também pode advir de pequenos gestos, vozes isoladas que, somadas, podem constituir um coro vibrante e intenso que se faz ressoar de modo

impactante. O gesto da Revista *escrita*, ao propor um número sobre o tema **Vozes femininas: narrativas e reescritas literárias e artísticas**, é uma dessas iniciativas que certamente contribuirão para um todo maior. Este número, organizado por Anna Olga Prudente de Oliveira e Marcela Lanius, respectivamente doutora e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio, reúne seis artigos e dois contos. Suas autoras e autores têm diferentes nacionalidades e pertencem aos mais variados campos: a música, o teatro, a filosofia, a educação, os estudos literários, os estudos da tradução e a sociolinguística.

Na seção **Artigos** temos, abrindo o número, o trabalho de Erica L. A. Lima e Beatriz Gregório dos Santos, que apresentam um projeto de tradução feminista para o conto “Lives of girls and women”, de Alice Munro, à luz da proposta tradutória das chamadas feministas canadenses, como Sherry Simon e Luise von Flotow, que buscam provocar mudanças sociais e políticas em favor da mulher usando a linguagem e a tradução. Por sua vez, Irene Rodríguez Arcos, vinculada à histórica Universidade de Salamanca, Espanha, recorre à noção de pós-tradução formulada por Edwin Gentzler e a um entendimento mais amplo do que é tradução para conceber o corpo feminino como elemento semiótico propício a reescritas ideológicas, proposta ilustrada pelas intervenções das artistas ORLAN e Ana Mendieta. Já em seu artigo “Das palavras e da música: intersecções na obra de Fernanda de Castro”, a professora e pianista portuguesa Helena Marinho analisa a produção artística da escritora e poeta Fernanda de Castro, realizada na vigência do Estado Novo português, de forma a examinar as intersecções entre música, texto e gênero. A seguir, Andreia A. Marin e Eduardo Silveira, que se situam na intersecção da biologia com a filosofia e a educação – mas não só – procuram desvelar em “Devir orgânico, corpo-paisagem” o que há por trás do discurso de contenção do animal e da mulher, a partir de *insights* de três autoras: as francesas Simone de Beauvoir e Colette, e a artista plástica cubana Ana Mendieta. Ampliando seu escopo até o campo das performances, este número oferece, ainda, o ensaio de Diogo Liberano, “O trágico em Figuraça”, que enfoca a performance de Flávia Naves intitulada FIGURAÇA com o propósito de mostrar como a artista problematiza o entendimento padrão de corpo feminino, tanto na sociedade como nas artes. Finalizando a seção de artigos, Débora Muramoto se debruça sobre as ocupações estaduais ocorridas em 2016, em Niterói (RJ), para examinar as construções identitárias de estudantes-ocupantes, respaldada pelo arcabouço teórico da Sociolinguística Interacional, da Análise da Narrativa e dos estudos discursivos sobre gênero e poder, que lhe

permitem questionar, em certa medida, o princípio de horizontalidade proposto pelas ocupações.

A segunda seção, **VersoReverso**, voltada para criações autorais, nos oferece os contos de, respectivamente, Andreia A. Marin, “Um pouco, só.”, e Renata Borges, “A voz feminina de um corpo na experiência do ritual”.

Todas essas vozes, em conjunto, parecem propor uma reformulação ao secular adágio, discutido no início desta Apresentação: não mais “belas (e) infiéis”, e, sim, belas **porque** fiéis. Sua beleza é efeito da fidelidade à agenda de promoção de maior protagonismo e visibilidade na língua e na sociedade, bem como à de defesa do direito à liberdade de fazer escolhas e de conduzir sua própria vida sem depender da validação ou aprovação de figuras masculinas. E essas agendas não são exclusivamente femininas, como comprovam os dois autores que integram essa edição.

Boa leitura!

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. Legítima defesa. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 maio 2018. Primeiro Caderno, Opinião, p. 18.

ROCHA, Maria Regina. Os cidadãos e a gramática. **Ciberdúvidas da Língua Portuguesa**. Publicado em 4 maio 2016. Disponível em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/os-cidadaos-e-a-gramatica/3329>. Acesso em 18 maio 2018.

SANTIAGO, Silviano. Pecado original da tradução. Publicado em 15 set 2012. Disponível em www.estadao.com.br/noticias/geral,pecado-original-da-traducao,931018. Acesso em 18 maio 2018.